



Inicia-se com a narração de uma história acerca de um povoado do interior, onde um grupo de pessoas costumava divertir-se com um homem considerado por todos como o “idiota da aldeia”, alguém visto como desprovido de entendimento, de pouca inteligência, que vivia de pequenos trabalhos e também de esmolas.

Diariamente, esse homem era chamado ao bar onde aquelas pessoas se reuniam, e ali lhe era oferecida a escolha entre duas moedas: uma moeda grande, que aparentemente possuía maior valor, mas que, na realidade, correspondia a um valor muito pequeno; e outra moeda menor, que, embora de tamanho reduzido, possuía um valor significativamente maior.

O homem, tido como sem inteligência, sempre escolhia a moeda maior, que era menos valiosa, o que se tornava motivo de riso entre todos os presentes.

Com o passar do tempo, após anos naquela mesma situação, certo dia uma pessoa que observava aquela prática aproximou-se dele e perguntou se ele havia percebido que a moeda maior possuía menor valor do que a menor.

Aquele homem respondeu que sabia disso, afirmando não ser tão tolo quanto aparentava, e que tinha plena consciência de que a moeda menor valia várias vezes mais do que a maior.

Diante disso, foi-lhe perguntado por que, então, continuava escolhendo a moeda de menor valor. Em resposta, ele explicou que, no dia em que escolhesse a moeda de maior valor, a brincadeira chegaria ao fim, e ele deixaria de receber sua moeda diariamente.

A história, embora simples e aparentemente banal, carrega uma força significativa. Sem o devido cuidado, muitas vezes ocorre de alguém se encontrar dentro dessa mesma situação, porém em posição oposta, não como o “bobo”, mas como aquele que paga para que o outro escolha uma moeda.

A narrativa demonstra que aquele que parecia ser o bobo, na realidade, não o era. A aparência não determina a essência. Nesse caso, ele se revela como o mais lúcido entre todos, pois compreendeu algo que muitos não compreendem: nem sempre a melhor decisão é aquela que oferece o maior ganho imediato.

Por vezes, a melhor decisão é aquela que mantém a fonte de ganho aberta. Ainda que pudesse, desde o início, ter escolhido a moeda de maior valor, ele optou por uma estratégia que lhe permitisse continuar recebendo, ao longo do tempo. Enquanto a oferta continuasse, ele persistiria em sua escolha, reforçando, assim, seus próprios ganhos.

Diante disso, levanta-se a questão acerca de quem, de fato, é o bobo na história. À primeira vista, considera-se ser aquele que escolhe a moeda maior e de menor valor. Entretanto, ao se revelar a verdade, o cenário se transforma.

Ele sabe qual moeda possui maior valor, poderia fazer a escolha mais vantajosa de imediato, mas decide pensar a longo prazo, atitude que muitos não adotam. Há aqueles que agem de forma imediatista, desejando tudo no presente, sem paciência para investir gradualmente, sem compreender que pequenos valores acumulados ao longo do tempo podem tornar-se grandes.

Essa falta de visão leva muitos a focarem apenas no momento presente, sustentando justificativas para desperdiçar oportunidades. Já aquele que parecia ser o bobo considera o ganho acumulado ao longo do tempo por meio daquela prática.

Dessa forma, o verdadeiro bobo passa a ser aquele que ri sem compreender o que está ocorrendo, aquele que pensa apenas no ganho imediato e que, movido pela ganância, destruiria a própria oportunidade.

Qualquer pessoa dominada pela ganância optaria pela moeda de maior valor na primeira ocasião, encerrando ali mesmo a possibilidade de continuidade. Contudo, aquele que aparentava ser o bobo aproveitou-se da situação criada por outros, considerados igualmente sem entendimento, para obter seu próprio benefício ao longo do tempo.

A partir disso, extrai-se a seguinte lição: nem todo aquele que aparenta simplicidade ou até mesmo tolice é, de fato, ignorante. Vive-se em um mundo onde a aparência prevalece, porém a aparência pode enganar.

Há casos em que indivíduos mal-intencionados se apresentam de forma elegante, bem vestidos, a fim de ganhar confiança e acesso, evidenciando que a aparência externa não revela necessariamente o caráter.

As Escrituras também alertam sobre essa realidade:

*“O homem vê o exterior, porém o Senhor vê o coração.”* (1 Samuel 16:7)

Com frequência, pessoas são subestimadas por aparentarem simplicidade, silêncio ou até ingenuidade. O próprio Jesus foi interpretado dessa maneira, por ser manso, não se envolver em conflitos, não portar armas, e por assumir uma postura de serviço, em vez de exaltação pessoal.

Entretanto, interiormente, uma pessoa com tais características observa, aprende e compreende profundamente aquilo que se passa ao seu redor.

Muitas vezes é necessário aprender como as pessoas agem, como pensam e o que realmente desejam. Há uma postura estratégica que pode ser adotada na vida; pode parecer tolice aos olhos de outros, mas, ao final, revela-se vencedora.

O homem da história compreendeu algo profundo: preferiu ser visto como bobo a perder a bênção contínua. A conclusão mais significativa é a percepção de que é possível estar bem, mesmo quando os outros não possuem uma boa opinião a respeito. Portanto, o que importa não é o que pensam, mas o que de fato se é. Não é o que se aparenta ser, mas aquilo que verdadeiramente se é.

O maior prazer de um homem inteligente consiste em aparentar ser tolo diante daquele que, sendo tolo, se apresenta como inteligente. Há muitas pessoas que se consideram inteligentes, mas não o são; outras aparentam riqueza, quando, na realidade, vivem em pobreza e endividamento, sustentando uma aparência que não corresponde à verdade.

Essa é uma realidade presente, na qual a aparência exerce forte influência. Há ensinamentos que incentivam a construção de uma imagem externa para gerar credibilidade, como vestir-se bem ou aparentar riqueza para conquistar confiança. No entanto, muitos são enganados por tais aparências, acreditando em discursos e investindo em propostas que resultam em prejuízo, justamente por julgarem apenas pelo exterior e não pela realidade interior.

Assim, é necessário cuidado, pois a estratégia de aparentar ignorância diante de quem se julga sábio ainda é amplamente utilizada. Um exemplo disso ocorre em golpes em que alguém se apresenta como ingênuo, afirmando possuir um bilhete premiado e desejando apenas um valor menor imediato, levando outro, que se considera inteligente, a comprar algo sem valor real.

Outra lição apresentada é que a ganância destrói o fluxo. Muitas pessoas iniciam negócios, mas se apropriam dos lucros e até do capital de maneira desordenada,

sem planejamento, acreditando que sempre haverá reposição. Com isso, acabam sem recursos para manter a atividade, conduzindo o empreendimento à falência. A ganância impede a correta administração e a separação entre o que pode ser retirado e o que deve ser mantido para a continuidade.

Caso aquele homem tivesse escolhido a moeda de maior valor, a prática teria cessado. Ele teria obtido um ganho único e perdido todos os demais. Da mesma forma, há aqueles que conseguem um bom lucro inicial, mas não conseguem manter a continuidade, não acumulam e acabam fracassando, o que evidencia a ação da ganância.

As Escrituras afirmam:

*“Quem é fiel no pouco também é fiel no muito.”* (Lucas 16:10)

Também está escrito:

*“O apressado para enriquecer não ficará sem castigo.”* (Provérbios 28:20)

A ganância leva o indivíduo a desejar tudo imediatamente, a não saber esperar e a romper processos que estavam funcionando, motivado pela pressa. Em contraste, o homem da história preservou aquilo que lhe gerava recurso.

Dessa forma, compreende-se que sabedoria consiste em saber perder para ganhar mais. Em determinadas situações, é necessário abrir mão de um ganho maior imediato, suportar parecer menos inteligente e até aceitar ser mal interpretado, com o objetivo de manter aquilo que está sendo construído ao longo do tempo.

Outro princípio é apresentado:

*“Melhor é o pouco com justiça do que grandes rendas com injustiça.”* (Provérbios 16:8)

O homem da história escolheu o pouco repetidas vezes e, ao final, acumulou mais do que se imaginava. Nem toda vitória precisa ser demonstrada. Caso ele tivesse provado sua inteligência, perderia a continuidade da oportunidade.

Há pessoas que perdem oportunidades por desejarem sempre ter razão, por quererem demonstrar conhecimento constante e corrigir os outros em todo momento. Contudo, sabedoria não consiste em provar que se sabe, mas em discernir quando falar e quando permanecer em silêncio, e também em auxiliar o outro para que se desenvolva, sem intenção de diminuí-lo.

Muitos vivem baseados na necessidade de estar certos, o que resulta na destruição de relacionamentos, empregos e vínculos diversos. A Escritura afirma:

*“Até o tolo, quando se cala, é tido por sábio.”* (Provérbios 17:28)

Diante disso, compreende-se que a narrativa reflete diretamente a vida prática: pessoas que trocam estabilidade por impulsos incertos, que comprometem relacionamentos por orgulho momentâneo, ou que desperdiçam oportunidades por buscar ganhos imediatos, questionando posteriormente as razões do fracasso.

A ausência de visão de continuidade e a ação da ansiedade e da ganância conduzem a decisões equivocadas.

O mundo denomina aquele homem como bobo, conforme o próprio título da mensagem, mas, ao final, ele era o único que compreendia a situação. Ele sabia abrir mão de pequenas vantagens para assegurar resultados maiores ao longo do tempo.

Permanece, então, a reflexão: agir como alguém que aparenta ser bobo, mas possui sabedoria, ou como alguém que se considera esperto e perde tudo por ganância.

A reflexão conduz à análise de situações em que se troca o constante pelo imediato, em que o orgulho leva à perda de oportunidades e em que a necessidade de atalhos substitui o aprendizado da paciência.

Reitera-se a necessidade de observar onde se está trocando o constante pelo imediato, onde o orgulho tem gerado perdas e onde há rejeição ao processo de paciência.

No contexto do Reino de Deus, muitas vezes aquele que aparenta perder é quem verdadeiramente está ganhando. Conforme dito por Jesus:

*“Lucas 9:24 Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a vida por minha causa, este a salvará.”*

Que Deus nos abençoe!